

Subsistência

Maurício Soares Leite

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEITE, MS. *Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 239 p. ISBN 978-85-7541-137-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Considerações preliminares

Antes de iniciar este capítulo, gostaria de fazer uma ressalva. A subsistência wari' é discutida, em maior ou menor profundidade, ao longo de todos os capítulos que se seguem. Desse modo, é tarefa difícil falar no tema sem ser, de alguma forma, repetitivo. Além disso, a questão já foi abordada por Mason (1977) e, posteriormente, por Conklin (1989). Assim, em lugar de aprofundar as análises dos autores, optei por fazer uma descrição, em termos gerais, das atividades ligadas à subsistência, de modo a situar o leitor. A seguir, abordarei alguns aspectos específicos, que parecem fundamentais às discussões que se seguirão ao longo do livro. Desse modo, interessam particularmente o alcance e as implicações das mudanças na economia wari' e, em especial, a articulação do grupo com o mercado regional. Nesse âmbito, a agricultura assume um lugar central. O fato de tal articulação se estruturar basicamente em torno dessa atividade apresenta, por sua vez, uma série de importantes desdobramentos, que serão oportunamente discutidos.

A subsistência wari' já foi objeto da atenção de Mason (1977), que descreve a organização das atividades do grupo em torno do ciclo anual. Para o autor, as variações cíclicas nas condições ambientais, das quais as chuvas são as mais evidentes, acabam por se refletir em sua organização social. Mason caracteriza o ciclo anual em termos de duas tendências opostas. Uma seria de dispersão, caracterizando-se pela mobilidade, e observável durante a estação de chuvas. Já na estação seca a tendência seria a de concentração das atividades nas áreas próximas às suas habitações. Conklin (1989) também elabora uma caracterização de seus padrões de subsistência, mas em outros termos. Enfatizando questões mais relevantes para a sua descrição da etnomedicina do grupo, a autora destaca a centralidade do milho e da caça no cotidiano e na cosmologia wari', examinando ainda aspectos como as restrições alimentares e os princípios nos quais estas se baseiam.

Aspectos gerais

Os Wari' subsistem tradicionalmente com uma combinação de agricultura de corte-e-queima, caça, pesca e coleta, atividades praticadas em regiões de terra firme amazônica. O milho era, no passado, o principal cultivo e a base de sua alimentação, lugar hoje ocupado, em Santo André, pela farinha de mandioca.

A caça é uma tarefa por princípio masculina; no entanto, Conklin (1989) assinala que, embora eles não usassem arcos ou espingardas, quando as mulheres conseguiam matar algum animal de outro modo, como uma paca cercada pelos cães, seus esforços eram amplamente reconhecidos. Em Santo André, os Wari' utilizam-se de espingardas calibre .16 e .20, .28, .36, e de carabinas .22. Estas últimas eram consideradas mais vantajosas, devido ao custo mais baixo da munição. Das 47 casas existentes em Santo André na época do trabalho de campo, apenas 16 não dispunham de armas de fogo. O uso de arcos e flechas era reservado à pesca, e eles não utilizavam armadilhas. Em sua tese de doutorado, Mason (1977) afirma o mesmo: os Wari' caçavam, na época, apenas com armas de fogo. Até onde pude saber, aqueles que não dispunham delas simplesmente não caçavam, ou usavam armas emprestadas. Introduzidos em razão do contato, os cães são hoje utilizados, e particularmente úteis na caça a pacas e cutias.

Os animais mais apreciados pelos Wari' são, sem dúvida, os mamíferos. As principais espécies são a queixada (*mijak*; *Tayassu pecari*), o caititu (*kataxik*; *Tayassu tajacu*), a anta (*min*; *Tapirus terrestris*), duas espécies de veado (*korem* e *kotowa*; *Mazama sp.*) e o tamanduá-bandeira (*pik*; *Tamandua tetradactyla*). Embora não caçadas até o contato, a paca (*mikop*; *Cuniculus paca*) e a cutia (*piwa*; *Dasyprocta agouti*) são hoje amplamente procuradas e muito apreciadas. Os Wari' valorizam sobremaneira diversas espécies de macacos, dentre as quais o macaco-aranha (*waram*; *Ateles sp.*) e o macaco-prego (*jowin*; *Cebus sp.*). As aves são também muito apreciadas, e a algumas delas atribuem-se qualidades terapêuticas e restauradoras. Às crianças que estão magras, por exemplo, recomenda-se que tomem caldo de aves (*komi kon me*). Para uma lista das espécies consumidas pelos Wari', ver Conklin (1989).

Conklin (1989) apresenta uma relação das restrições alimentares wari', relacionando-as a princípios etnomédicos e crenças espirituais. Atualmente, grande parte das restrições alimentares foi abandonada, em um processo ao menos em parte associado à conversão ao protestantismo. Mas voltarei a este ponto mais adiante. Os Wari', contudo, seguem não se alimentando de gambás (*waxik*; *Didelphus sp.*), lontras (*moromen* e *kawija*; *Lutra sp.*), urubus (*maho*; *Cathartidae*), ratos (*matok*; *Cricetidae*), morcegos (*nao'*; *Chiroptera*), serpentes (*em*) e botos (*kahao*; *Delphinidae*).

Embora a pesca fosse largamente praticada pelo grupo, a atividade parece haver ganhado importância em seu cotidiano após o contato, quando foi introduzido

o uso de anzóis e náilon, e ainda de canoas. Até então, os Wari' utilizavam-se de arcos e flechas e ainda de cipós ictiotóxicos, o que fazem ainda hoje. Também pescam, especialmente à noite, com o uso de zagaias, isto é, tridentes com os quais arpoam os peixes que se encontram junto às margens. Também praticam a pesca em pequenos igarapés, represando-os e retirando a água com os pecíolos de folhas de palmeiras, até que o leito fique seco e assim possam facilmente capturar os peixes que encontram. Procedimento idêntico é feito nas poças que restam quando as áreas inundadas durante as chuvas começam a secar, aprisionando diversas espécies de peixes.

A pesca é, de fato, uma atividade exemplar da capacidade wari' de acompanhar as variações anuais nas condições ambientais: como será mencionado mais adiante, a atividade acontece com o uso de técnicas distintas e em ecozonas diferentes ao longo do ano, a depender, entre outros fatores, da quantidade de chuvas e do nível dos rios. Dentre as principais espécies consumidas, podem ser mencionadas a traíra (*xikin; Hoplias malabaricus*), o tucunaré (*nanakam; Cichla sp.*), o cará (*takao; Cichla sp.*), a piranha (*pita; Serrassalmus sp.*), o surubim (*Pseudoplatistoma sp.*) e a jatuarana (*tohoian; Characidae*).

A coleta é também uma atividade de grande importância econômica para os Wari'. Mel, frutos, palmitos e insetos estão entre os alimentos obtidos com a atividade. A castanha-do-pará (*Bertholetia excelsa*) é por eles comercializada em Guajará-Mirim, constituindo uma das poucas fontes de renda do grupo. Além disso, os Wari' coletam uma grande variedade de frutos silvestres, especialmente na estação das chuvas. As palmeiras têm uma grande importância na dieta do grupo, o que pode ser constatado no capítulo dedicado ao consumo alimentar: na época do segundo inquérito alimentar, em novembro de 2003, eram consumidas grandes quantidades de patauá (*tarawan; Jessenia bataua*), *in natura* e sob a forma de bebidas. Além disso, os Wari' consomem os cocos de inajá (*Maximiliana maripa*), tucumã (*Astrocaryum tucuma*), buriti (*Mauritia flexuosa*), babaçu (*Orbygnia martiana*) e pupunha (*Guilielma gasipaes*). Diversas espécies de insetos são consumidas e podem constituir uma fonte importante de proteínas; a época do ano em que estão disponíveis varia, a depender da espécie. Os Wari' são capazes de listar mais de cinquenta variedades consumidas.

As práticas de subsistência wari' apresentam um comportamento marcadamente sazonal, o que ocorre em consonância com as importantes modificações, de caráter igualmente cíclico, nas condições ambientais. A mais evidente delas diz respeito ao regime anual de chuvas, bastante marcado no ambiente wari', e que praticamente divide o ano em duas estações. A primeira, chuvosa, vai aproximadamente de outubro a abril, e concentra a maior parte das precipitações nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro; a segunda vai de maio a setembro, e apresenta um volume de chuvas drasticamente inferior. A influência

desse regime sobre o ecossistema resulta em importantes flutuações, ao longo do ano, na produção e na disponibilidade de alimentos, embora as atividades de subsistência wari' busquem adequar-se às cíclicas modificações ambientais.

O calendário agrícola é um claro exemplo disso, na medida em que há épocas apropriadas para a realização de etapas como a abertura de roças, a queimada, o plantio e a colheita, e fora das quais estas chegam a ficar impossibilitadas. As chuvas, ainda que concentradas em uma época específica do ano, ocorrem de modo irregular, isto é, tanto sob a forma de impressionantes e breves temporais como na forma de chuvas prolongadas e pouco intensas. Antes de prosseguir com essa descrição, no entanto, faz-se necessária uma ressalva: baseando-se na oposição 'seca *versus* chuvas', ela simplifica e busca destacar extremos de mudanças que acontecem de forma gradual ao longo do ano. Trata-se, portanto, de um artifício metodológico útil para a caracterização, em termos gerais, da região, mas que não esgota a riqueza das variações observáveis no ciclo anual.

Embora essas variações ocorram de modo algo contínuo ao longo do ano, os efeitos das chuvas sobre o ambiente são absolutamente impressionantes para o observador estrangeiro: a vegetação cresce com uma velocidade surpreendente, diversas espécies vegetais frutificam, o nível dos cursos d'água sobe rapidamente. Desse modo, Mason (1977) chama a atenção para a intrincada rede de mudanças observáveis durante o ciclo anual, e que por sua vez articulam-se com o cotidiano wari'. O autor menciona haver, nessa dinâmica, desde atividades cuja realização deve acontecer em épocas precisas – como a abertura das roças – até outras que podem ser realizadas sem maiores impedimentos durante o ano todo, como a caça a porcos selvagens.

O regime de chuvas faz-se sentir principalmente na pesca, com uma intensa variação nos níveis dos rios da região e, conseqüentemente, na produtividade dessa atividade. Isso significa que, nos meses de cheia, os principais cursos d'água da região (o rio Pacaás Novos e o igarapé Dois Irmãos) invadem suas margens, e a fauna aquática dispersa-se por grandes áreas alagadas. Nesse período o rendimento da pesca cai drasticamente, voltando a aumentar somente quando as chuvas se reduzem e os rios começam a secar. Era visível o contraste entre as estações seca e chuvosa: na primeira era possível ver não apenas uma grande proporção de indivíduos – entre crianças, jovens e adultos de ambos os sexos – pescando diariamente, mas de fato retornando com pescado. Antes que eu mesmo pudesse constatá-lo, os Wari' sempre me contavam que na seca era muito fácil pescar no rio Pacaás Novos a poucos metros de suas casas, dispensando-se o uso de canoas para o transporte a trechos mais distantes do rio. Além disso, diziam que mesmo crianças pequenas eram capazes de fazê-lo com sucesso.

À medida que chegam as chuvas e o nível dos rios sobe, no entanto, o quadro se inverte: aumenta o insucesso das incursões, e os Wari' passam a dedicar-se

cada vez menos à atividade. Isso não significa, contudo, que a pesca cesse de todo nesse período; variam então as técnicas empregadas – por vezes, para uma mesma espécie –, os locais de captura e, principalmente, as espécies procuradas. Embora de fato a produção caia significativamente nos meses de cheia, algumas espécies ainda podem ser capturadas.

A pesca constitui, assim, um exemplo claro de como algumas das atividades wari', relacionadas à produção de alimentos, precisam ser ajustadas às modificações cíclicas ambientais. Ela é claramente mais produtiva durante a estação seca, quando o nível dos rios está mais baixo. À medida que as chuvas aumentam, os Wari' passam a utilizar-se de outras técnicas de captura e a explorar outros ambientes; desse modo, nas épocas de transição entre as estações, pescam com o uso de cipós ictiotóxicos. Quando as áreas de igapó começam a se encher, conseguem capturar nesses locais quantidades por vezes impressionantes de peixes como o piau (*kokorop*; *Characidae*) e o jeju (*miwat*; *Hoplerythrinus unitaeniatus*), que saem do curso principal dos rios e entram nas áreas alagadas. Mesmo no auge da estação chuvosa, quando a pesca apresenta menor rendimento, os Wari' obtêm sucesso voltando a pescar no rio Pacaás Novos, capturando grandes jatuaranas. Em outras épocas do ano, quando o nível das águas volta a baixar, é possível capturar os peixes que ficam aprisionados em grandes poças, nas áreas alagadiças, ou então represando pequenos igarapés.

Assim, baseando-se em um extenso conhecimento do ecossistema local, os Wari' são capazes de acompanhar as variações que ocorrem em seu ambiente. A superação das limitações sazonais da disponibilidade de alimentos depende, ainda, da exploração – e este é um aspecto fundamental das discussões que se seguirão nos próximos capítulos – dos recursos dispersos em seu território. No entanto, a despeito de seu notável conhecimento do ambiente, a queda da produtividade da pesca durante os meses de chuva parece ter um custo biológico importante para os Wari'. Embora esse período seja reconhecido por eles como propício para a caça, e coincida com a época em que diversas espécies animais encontram comida em abundância e, assim, estejam 'gordas' quando abatidas, a caça parece não ocupar, em termos estritamente calórico-protéicos, a 'lacuna' deixada pela pesca. Os dados dos inquéritos alimentares confirmam essa hipótese.

Para além do caso específico da pesca, as variações sazonais na produção de alimentos como um todo parecem refletir-se, hoje, nas condições de alimentação e nutrição da população de Santo André (ver capítulos 4, "Consumo alimentar", e 5, "Perfil nutricional"). Os inquéritos alimentares e antropométricos, realizados ao final de cada estação (a seca e a chuvosa), revelaram diferenças importantes tanto no consumo de alimentos como em seu perfil nutricional, em épocas distintas do ciclo anual. Mais especificamente, observou-se um agravamento do perfil nutricional após a estação chuvosa. Esse tema será objeto de discussões detalhadas, mais adiante.

Ainda no que se refere à alimentação, há que se considerar o fato de que o período dos meses de chuva poderia ser de modo geral caracterizado como de entressafra para o milho e mesmo a mandioca, já que muitos Wari' permitem que os tubérculos acabem em suas roças antes de voltarem a plantá-los. Além disso, a produtividade da pesca atinge seus níveis mais baixos; e embora a estação constitua uma fase apropriada para a caça, esta parece ser cada vez menos produtiva nas áreas próximas à aldeia, e possivelmente em razão disso não compensa a menor produtividade da pesca.

É também nesse período que tem lugar uma atividade particularmente importante para os Wari': nos primeiros meses do ano realiza-se, na região das cabeceiras do igarapé Dois Irmãos, a coleta de castanha-do-pará. A maior parte da produção, no entanto, não se destina ao consumo doméstico, sendo vendida a comerciantes brasileiros ou bolivianos em Guajará-Mirim. A coleta das castanhas, desse modo, não se traduz necessariamente em maior disponibilidade de alimentos. Já os meses de seca parecem ser mais favoráveis no que diz respeito ao acesso a alimentos: a pesca é particularmente produtiva; juntamente com a caça, a atividade resulta em uma disponibilidade de proteínas maior que aquela observada durante as chuvas. Ao menos no início da estação, e a depender do manejo dos estoques, ainda há milho para o consumo doméstico. As roças começam a produzir, além da mandioca, batata-doce e cará, e ainda arroz.

Em termos estritamente monetários, o ciclo anual apresenta reflexos menos intensos que aqueles observados na disponibilidade de alimentos. Como já dito, na época do trabalho de campo parte significativa da renda obtida pelos Wari' tinha origem na comercialização de três produtos: a castanha-do-pará, a farinha de mandioca e, em menor proporção, mas aumentando sua importância na economia do grupo, a madeira para a construção de cercas ('estacas'). Dos três itens a farinha é, sem dúvida, aquele comercializado em caráter regular e universal pela comunidade: durante todo o ano, em maior ou menor intensidade, todos os domicílios produzem algum excedente para a venda. Exatamente por ser produzida ao longo das duas estações, a comercialização da farinha não resulta em uma 'lacuna econômica' representada pela existência de um período de entressafra, como ocorre com grande parte dos produtos agrícolas ou mesmo extrativistas.

Em Santo André, contudo, não é de todo verdadeiro que a sua produção seja constante ao longo do ano, e que, portanto, a economia do grupo não enfrente alguns problemas relativos à sua comercialização. Embora ela possa ser produzida ao longo de todo o ano, presenciei uma primeira grande colheita no mês de maio, realizada nas roças plantadas cerca de sete meses antes, com o objetivo de produzir excedentes de farinha para a venda. O mesmo acontecia em outras aldeias wari', que na verdade competem entre si pelo mercado de Guajará-Mirim. O resultado foi a chegada de grandes quantidades do produto quase que simultaneamente à

cidade, o que fez despencarem os preços (em cerca de 40%). Pelos relatos que ouvi, isso acontecia anualmente e causava grandes prejuízos à população. A despeito da inexistência de flutuações determinadas pelo ciclo biológico do vegetal, a população encontra-se vulnerável à ocorrência de variações produzidas pelas suas práticas agrícolas.

Vale assinalar que a totalidade da farinha de mandioca consumida pelos Wari', em ambas as estações, é produzida nas roças domiciliares. Uma particularidade desse item alimentar diz respeito ao fato de a produção ser destinada tanto ao consumo doméstico como ao mercado regional. Não são raras, assinale-se, as ocasiões em que o estoque doméstico se esgota, por dias ou mesmo semanas. Nesses casos, recorre-se a outros domicílios, geralmente de parentes próximos, nos quais o produto pode ser obtido, normalmente sob a forma de empréstimo. Podem ainda ocorrer doações, trocas por outros produtos ou mesmo a sua compra. A mandioca pode circular entre as casas sob a forma tanto de farinha como do próprio tubérculo. Em alguns casos o domicílio já possui mandioca sendo processada ('de molho' na água, por exemplo, para a posterior retirada da casca), situação em que uma nova quantidade de farinha será produzida dentro de alguns dias. Pode acontecer, no entanto, de acabarem os tubérculos a serem colhidos antes mesmo que uma nova roça comece a produzir, seja em decorrência de um planejamento inadequado, seja de perdas ocasionadas, por exemplo, pela ação de formigas-cortadeiras.

Outro tipo de flutuação, esta absolutamente independente da ação humana, diz respeito à produção e à comercialização da castanha-do-pará. A frutificação acontece em um período bem marcado do ano, isto é, entre os meses de dezembro e março. É nesta época que os Wari' organizam expedições para a região do Igarapé Dois Irmãos, onde encontram-se os castanhais, e trazem a produção inicialmente para a aldeia de Santo André, de onde é escoada para Guajará-Mirim. Trata-se, portanto, de uma atividade econômica marcada pela sazonalidade.

Desse modo, embora esteja baseada na comercialização de dois produtos alimentares – a mandioca e a castanha-do-pará –, em termos estritamente monetários (isto é, do aporte de dinheiro oriundo da agricultura) a economia wari' parece apresentar flutuações cíclicas menores (embora não desprezíveis) que aquelas observadas na produção de alimentos como um todo. Isso resulta da maior importância da comercialização da mandioca, cuja produção apresenta um caráter essencialmente regular ao longo do ciclo anual.

Assim, se por um lado a agricultura constitui uma das atividades cuja produção é mais marcada ao longo do ano, por outro é francamente possível manejar os estoques de alguns dos principais cultivos, de modo a tê-los disponíveis mesmo quando não estão sendo produzidos. É o caso do milho e de outros grãos, como o arroz e o feijão – embora tenham sido plantados, no período em que estive entre os Wari', em apenas poucos domicílios. A castanha-do-pará, por exemplo, também

pode ser armazenada por longos períodos, embora a produção seja hoje quase que totalmente comercializada. O mesmo não ocorre com outros produtos, sejam eles oriundos da agricultura, sejam da coleta, da caça ou da pesca, e que portanto apresentam variações mais pronunciadas ao longo do ciclo anual. Dentre estes, os que parecem exercer um papel preponderante na dieta wari' são aqueles que resultam das últimas duas atividades e que constituem as principais fontes de proteína dessa população.

A agricultura assume, sem dúvida, um papel de destaque na subsistência wari'. Atualmente a atividade responde, direta ou indiretamente, por grande parte das calorias consumidas pela população. Esta afirmação baseia-se na análise do consumo alimentar de domicílios selecionados em Santo André (capítulo 4): a atividade respondia diretamente por mais de 40% da ingesta de energia do grupo avaliado, sendo que a farinha de mandioca era o principal componente desse grupo de alimentos.

Quando se considera ser também a farinha de mandioca a principal fonte de renda na comunidade, fica ainda mais evidente o papel central da agricultura na dieta wari': afinal, parte significativa da renda obtida com a venda de um item alimentar (a farinha) acaba sendo novamente direcionada à alimentação, por meio da compra de alimentos industrializados em Guajará-Mirim. Ou seja: a agricultura é, direta ou indiretamente, responsável pela maior parte (em termos calóricos) da dieta wari'. Nesse aspecto, e comparando-se a situação atual com aquela descrita por Mason (1977) e Conklin (1989), pode-se afirmar que a agricultura segue constituindo uma atividade central para a subsistência do grupo, ainda que hoje também direcionada à produção de excedentes comercializáveis.

Os Wari' se mantêm praticando uma agricultura de corte-e-queima, abrindo anualmente uma roça com cerca de um hectare. Cada domicílio mantém, em geral, uma roça antiga – *wara xitot* – e uma recém-derrubada – *xikurinai xitot*. Assim, a cada ano a mais antiga, tendo produzido por dois anos, é abandonada, e outra é aberta em seu lugar. Os Wari' tradicionalmente praticavam a agricultura de corte-e-queima e tinham no milho (*Zea mays*) seu principal cultivo e alimento. No entanto, plantavam também macaxeira, ou mandioca-mansa, cará, batata-doce e mamão (Conklin, 1989; Mason, 1977). Desde então, diversos cultígenos foram introduzidos, como a mandioca (a variedade 'brava', com elevado conteúdo de glicosídeos cianídricos, tóxicos para o consumo humano), o arroz, o feijão, a cana-de-açúcar, o milho amarelo, de grãos duros (a variedade de uso tradicional possui grãos mais macios, referidos pelos Wari' como 'moles'), o café e diversas espécies de frutas. O plantio é feito quase que exclusivamente nas roças, isto é, no peridomicílio plantam-se, e apenas eventualmente, frutas e café.

A busca por novos cultígenos parece, na verdade, ser uma constante entre os Wari'. Sempre percebi, em nossas conversas, um grande interesse por novos

cultivos, fossem eles novas espécies ou fossem mesmo variedades de vegetais já conhecidos; a possibilidade de que eu mesmo pudesse levar para a aldeia mudas ou sementes de quaisquer tipos era sempre bem recebida. Além daqueles introduzidos por não-índios, conheci, a título de exemplo, uma variedade de cará que teria sido obtida com os Suruí. Os Wari' regularmente plantavam e apreciavam bastante, além disso, uma variedade de milho 'mole', de grãos brancos, conseguida com os bolivianos (a cidade de Guajará-Mirim e mesmo a T.I. Pacaás-Novos fazem fronteira com a Bolívia).

Os Wari', no entanto, não pareciam se ressentir pela perda de variedades em algum momento cultivadas por eles. A título de exemplo, alguns deles afirmaram-me, sem nenhum pesar, que haviam 'perdido as sementes' (isto é, não havia mais sementes ou mudas desses cultivos em nenhuma casa ou roça da aldeia, ficando sua reprodução impossibilitada) de milho de pipoca (aparentemente, introduzido após o contato, por não-índios), de melão, pepino e tomate (todos igualmente introduzidos, e muito apreciados). Também disseram-me que não haveria mais, em Santo André, uma variedade de milho 'mole', caracterizada por grãos muito escuros, cor de vinho, conhecido como *tokoro wik* e muito apreciado. Não pareciam minimamente preocupados com o fato e, quando perguntados se a variedade ainda era plantada em outras aldeias, pensando na possibilidade de que pudesse então ser recuperada, os Wari' não manifestavam o menor interesse diante dessa hipótese.

A substituição do cultivo do milho pela mandioca

Uma das modificações de maior importância no sistema alimentar wari' diz respeito à substituição do milho pela mandioca, como principal cultivo. Diversos fatores parecem estar envolvidos nessa mudança, alguns de ordem cultural, outros de ordem ecológica ou ainda econômica. Não acredito que nenhum deles deva ser visto como fator determinante; em lugar disso, uma cuidadosa observação parece apontar para o fato de que é justamente em sua totalidade que eles tornam possível uma mudança tão drástica – mas não repentina, ou mesmo irreversível – como aquela representada pela substituição do cereal pelo tubérculo na economia e na alimentação wari'.

Além disso, pretendo demonstrar, nesta seção, que a gradual substituição de um cultivo (e alimento) pelo outro não ocorre livremente, mas é modulada por alguns aspectos específicos, particulares ao pensamento wari'. Isto é, para além da influência de um ou mais fatores, o que sempre me chamou a atenção foi a maneira como as idéias do grupo exerciam um papel preponderante no modo como fatores por vezes comuns a outros contextos etnográficos expressavam-se localmente, o que acabava por resultar em uma configuração única diante da realidade de

outras populações. Mais especificamente, surpreende o fato de que, embora o milho indiscutivelmente apresente uma importância fundamental na cosmologia e no cotidiano do grupo, isso não tenha impossibilitado a sua substituição pela mandioca, tanto em sua alimentação como em sua economia.

Esse aparente paradoxo não se explica por pressões de ordem econômica ou de outra natureza, que se oponham e acabem por sobrepujar o pensamento nativo. O que ocorre, a meu ver, é que, se por um lado este apresenta elementos que dificultariam esse tipo de mudança – ou seja, justamente as idéias que fazem o cereal assumir lugar de destaque na cosmologia, na sociabilidade, na economia e na alimentação do grupo –, a substituição do milho pela mandioca parece ser também facilitada, de diversas formas, pela visão de mundo nativa. Em última instância, e esta é a idéia central aos argumentos que se seguem, acredito ser no modo como o pensamento wari' modula fatores tanto internos como externos à sua sociedade que deve ser buscado o entendimento da expressão local desses mesmos fatores. Examinem-se, portanto, os aspectos que me pareceram relevantes nesse processo.

Falar no gradual abandono do cultivo do milho obriga, já de início, a uma reflexão acerca de sua importância no cotidiano wari'. O cereal ocupa uma posição de destaque em sua cosmologia e um papel central na sociabilidade do grupo. Como é descrito no capítulo 3, a bebida de milho (*tokwa*) é a bebida de boas-vindas, servida aos visitantes; o milho é visto como o alimento por excelência, essencial para a formação do sangue e da gordura corporal. *Tokwa* fermentada e alcoólica é um elemento imprescindível às festas que celebram alianças entre comunidades, festas que por sua vez assinalam e reafirmam relações baseadas na afinidade (Vilaça, 1992).

A conversão ao protestantismo, contudo, trouxe mudanças importantes a essa dinâmica, cuja compreensão pode contribuir para o entendimento da substituição do milho pela mandioca como principal cultivo e alimento diário. Assinalo, no entanto, que não me dediquei especificamente a este tema durante o trabalho de campo. Trata-se de uma questão de extrema complexidade e que mereceria uma investigação à parte. No entanto, as possíveis implicações da aceitação dos princípios contidos no cristianismo são de tal modo extensas e importantes que se faz necessário incluir aqui uma reflexão, ainda que inicial, sobre elas.

Os missionários protestantes, mais especificamente da Missão Novas Tribos do Brasil, participaram ativamente do processo de 'pacificação' do grupo, tendo para isso recebido autorização do governo brasileiro, por meio do Serviço de Proteção aos Índios. O subgrupo wari' então estabelecido na margem esquerda do rio Pacaás Novos, Oro Nao', a que de modo geral pertencem os habitantes de Santo André, foram os primeiros com quem se estabeleceram relações pacíficas.

Assim que lograram alcançar algum conhecimento de sua língua iniciaram o trabalho de catequese, e desde então estão presentes em grande parte de suas comunidades. Os cultos são celebrados na língua nativa e já existem, hoje, diversos pastores wari'.⁸

A conversão resultou no fim das festas e da elaboração e do consumo de *tokwa* fermentada, elemento fundamental a essas celebrações.⁹ Parece, antes de mais nada, produtivo pensar no significado da conversão em termos das relações que estruturam a sociedade wari'. A aceitação do cristianismo poderia ser vista como uma "reorganização em uma comunidade cristã" (Vilaça, comunicação pessoal), significando por sua vez a substituição de uma sociabilidade baseada em laços de afinidade por uma absolutamente distinta, baseada na germanidade. Mesmo na ausência de qualquer proibição ou desestímulo direto à realização das festas, essa mudança por si só já representa a inviabilização delas. Na medida em que a afinidade é ritualmente reafirmada nesses momentos, a sociabilidade que os ensinamentos cristãos inauguram – aquela em que todos devem ser considerados irmãos, e tratados como tal – inevitavelmente impossibilita a sua realização.¹⁰ O milho, elemento central no ritual, perde parte significativa de sua importância na sociabilidade do grupo – não na diária, mas sim naquela periodicamente celebrada entre comunidades distintas. Se a realização das festas antes exigia a disponibilidade de grandes quantidades do cereal, a ser processado e consumido sob a forma de *tokwa*, com a conversão essa demanda desaparece. Por esse prisma, o cristianismo, aparentemente, tornaria 'menos custosa' ou problemática a opção pelo aumento do investimento nas roças de mandioca, em detrimento do cultivo do milho.

Um aspecto adicional a ser mencionado, e que encontra respaldo na etnografia do grupo, diz respeito a uma equivalência entre o milho, o alimento wari' por excelência, e a mandioca – mais especificamente a farinha (trazida, juntamente com as formas de processamento e consumo, pelos agentes de contato), esta comida dos brancos. Não se trata, aqui, de uma equivalência simplesmente baseada em aspectos como o sabor, a aparência ou outras características de cada um desses alimentos; ela se baseia, em lugar disso, na existência de perspectivas distintas e particulares a seres diferentes, isto é, no conceito de perspectivismo (Lima, 1996; Vilaça, 1998; Viveiros de Castro, 1996).

Como se discute no capítulo 3, a farinha de mandioca seria vista como o equivalente branco da farinha de milho, de uso tradicional entre os Wari'; de certo modo, portanto, a mandioca seria para os brancos o que o milho é para eles. O mesmo acontece, em seu discurso, quando dizem que o sangue é, para a onça, o que *tokwa* é para eles. Na verdade, de certo modo sequer haveria distinções: a onça vê o sangue como *tokwa*, e a si própria como wari'. A humanidade não estaria limitada aos wari', mas estender-se-ia a todos os seres dotados de *jam* (o que poderia ser, simplificada, traduzido por espírito). Mais precisamente, a

distinção estaria no ponto de vista, por sua vez determinado pelo corpo, da posição que o sujeito ocupa. Não é, portanto, uma ilusão, um engano. Em lugar disso, trata-se aqui de uma equivalência complexa, que relaciona posições distintas e a perspectiva própria a cada uma. Diante disso, em última instância a própria afirmação de que se trata de alimentos diferentes assume um novo significado, a ser obrigatoriamente redimensionado. É interessante observar que os Wari' concebem e mencionam outras equivalências, como quando afirmam que o café é a *tokwa* do branco, referindo-se ao seu papel de bebida de 'boas-vindas'.¹¹

Poder-se-ia afirmar, reconhecendo-se no pensamento wari' a noção de perspectivismo, que a adoção da mandioca como a base de sua alimentação não apenas significa o reconhecimento de uma diferente perspectiva – a dos brancos – no universo alimentar, mas também representa a adoção, pelos Wari', dessa mesma perspectiva – e, portanto, de uma posição também diferente da sua. Vilaça (1996a) conta, em sua tese de doutorado, como os Wari' freqüentemente afirmavam estarem tornando-se brancos. No caso específico do milho e da mandioca, a substituição seria adequada, e de certo modo um meio de se efetivar essa mudança. Por esse prisma, é possível afirmar que – e este é um princípio que norteia o presente estudo –, mesmo quando comem como os brancos, em última instância os Wari' seguem pensando e comendo, de fato, como Wari'. Mas essa idéia ficará mais clara ao longo dos próximos capítulos.

Outro dos fatores envolvidos nos remete às formas tradicionais de ocupação e uso da terra. Havia uma relação direta entre a localização das roças e a das habitações wari', ficando estas últimas sempre próximas às plantações. Anteriormente, o sucessivo deslocamento das roças – ocasionado por seu abandono periódico, com a abertura de novas áreas – resultava no aumento da distância entre elas e as habitações, até que se julgasse apropriada a construção de novas casas, mais próximas às áreas de cultivo. Hoje, com o caráter permanente da aldeia, junto ao posto indígena, fica impossibilitada essa 'adequação', ou o ajuste da distância entre as áreas de cultivo e as habitações.

As áreas tradicionalmente consideradas pelos Wari' como adequadas para o cultivo do milho e, em última instância, para a agricultura – reconhecidas pela presença de solos de terra preta e pela ocorrência de espécies vegetais características – encontravam-se próximas ao igarapé Dois Irmãos e seus afluentes, área de tradicional ocupação pelo grupo. As chamadas terras pretas de índio constituem solos especialmente férteis encontrados na região amazônica, possivelmente de origem antropogênica, isto é: a sua presença resultaria da presença prolongada de assentamentos humanos, ocasionando o acúmulo contínuo de resíduos orgânicos. Neves (2006) ressalta a antigüidade das terras pretas em Rondônia, que teriam cerca de quatro mil anos de idade.

Em fins da década de 70, no entanto, a população wari' foi estimulada pela Funai a deslocar-se para as margens do rio Pacaás Novos, distante cerca de dez quilômetros, onde construiu-se um novo posto indígena. O novo local facilitaria o acesso dos agentes governamentais à população mesmo durante a estação seca, quando a navegação no igarapé Dois Irmãos torna-se particularmente complicada. Como não mais ocorrem as periódicas mudanças de domicílio que os mantinham próximos às suas roças, as áreas tradicionalmente dedicadas ao cultivo encontram-se agora a uma distância considerável de suas casas. A relação de proximidade entre habitação e roça, portanto, já não se realiza nos moldes tradicionais, salvo exceções (algumas famílias mantêm duas casas, uma junto ao posto indígena e a outra junto a uma de suas roças; elas correspondem, contudo, a uma minoria dentro da população).

Mais importante do que a distância real entre os locais, contudo, é o fato de que os Wari' parecem considerá-los inadequados, o que faz sentido diante do antigo padrão de assentamento próximo às áreas cultivadas.¹² Os Enawenê-Nawê, por exemplo, julgam apropriado localizar suas roças de milho, também de grande importância ritual e econômica, a cerca de trinta quilômetros de suas habitações (Santos, 2001). O ideal de proximidade entre as habitações e as roças, contudo, parece ser alcançado de outra forma: se por um lado hoje as residências são fixas, por outro boa parte de suas roças está hoje concentrada nos arredores da aldeia, em uma região conhecida como *Ma na wet*. Assim, embora a região do Dois Irmãos continue sendo utilizada para a agricultura, grande parte das famílias concentra suas roças em uma área mais próxima à aldeia, de certa forma atendendo ao ideal de proximidade mencionado.

Entretanto – e aqui reside uma questão central à minha argumentação –, a despeito de parte das terras em torno de Santo André serem cultiváveis e virem sendo utilizadas para esse fim, elas não são, para os Wari', de fato indicadas para a atividade; afinal, não apresentam solos de terra preta nem as espécies vegetais indicadoras de sítios apropriados para a abertura de roças. É interessante observar que, apesar de haver visto algum milho sendo colhido em *Ma na wet*, muitos Wari' eram categóricos ao afirmar que a terra lá não era boa para esse cultivo (se eu mencionava ter visto o cereal lá, fitavam-me com ar de incredulidade). De fato, as roças ali situadas eram quase que exclusivamente dedicadas ao cultivo da mandioca.

A preocupação wari' com a escassez de terras agricultáveis ficou para mim evidente no grande entusiasmo com que receberam a idéia, por parte de um chefe de posto recém-chegado a Santo André, de se abrir uma nova estrada até Tarawanai, localidade próxima ao igarapé Dois Irmãos e reconhecida como *xitot*, isto é, como uma roça, segundo os critérios que tradicionalmente definiam uma área própria para o cultivo: em suma, uma área com terra preta, onde palmeiras do tipo aracuri (*torot*; *Sheelea martiana* Burret) e outras espécies indicadoras podiam

ser encontradas, adequada, portanto, ao cultivo do milho. Vale assinalar que, até o fim do mês de novembro de 2003, oito meses depois, não havia perspectivas de concretização do plano.

Desse modo, o cultivo do milho pelos habitantes de Santo André parece ser hoje desencorajado pelo fato de que, na visão wari':

- os solos apropriados para o milho, de conhecimento ancestral, estão hoje longe demais da aldeia, o que contraria o ideal de proximidade entre roças e domicílios; e
- os solos encontrados nas proximidades de Santo André não possibilitam o cultivo do milho, embora sejam favoráveis ao da mandioca.

Os Wari' contrastavam as muitas exigências para a abertura de roças tradicionais e as poucas necessárias para aquelas atualmente dedicadas ao cultivo da mandioca. De modo geral, o plantio do milho segue exigindo os mesmos pré-requisitos das roças tradicionais,¹³ ou seja: roça tradicional = roça de milho.

O que esses dados parecem revelar é que, independentemente da real adequação do solo ao cultivo do milho e, em última instância, à prática da agricultura (faço esta ressalva para que o leitor não associe essas evidências às discussões sobre a existência de fatores ecológicos limitantes à ocupação humana da Amazônia, já mencionados na introdução, principal fator determinante para a sua utilização pelos Wari' é o seu reconhecimento como tal. E ainda hoje, a despeito das importantes mudanças observadas em seu sistema alimentar, com a introdução de novos cultivos, o contato com novas técnicas de produção e mesmo sua inserção no mercado regional, esse reconhecimento baseia-se nas práticas tradicionais de agricultura, anteriores ao processo de pacificação do grupo.

Outro aspecto, talvez mais evidente porém não necessariamente mais importante, diz respeito aos fatores de ordem econômica: a mandioca possui um subproduto – a farinha – facilmente comercializável no mercado regional. Os preços alcançados são ainda mais vantajosos que os alcançados pelo milho. Embora a farinha produzida em Santo André – quase que unicamente a variedade 'd'água',¹⁴ e com grãos grandes – alcance preços relativamente baixos, para fins comerciais a produção de mandioca ainda é mais vantajosa. Assim, apesar de o milho, sob a forma de sua variedade introduzida, de grãos amarelos e duros, também poder ser vendido a não-índios, o preço da farinha resulta mais atraente. E, embora seja também consumida em âmbito doméstico, a produção destinada à venda assume um papel central na economia wari'.

Mas ainda no que se refere aos aspectos de ordem econômica, há outros fatores a serem mencionados:

- opção pela mandioca não exige implementos agrícolas ou mesmo novas técnicas de plantio, embora a fabricação de farinha envolva processos até então desconhecidos;

- o cultivo da mandioca, assim como o do milho, possibilita o plantio associado de espécies como a batata-doce e o cará; o cultivo da mandioca acontece, de modo geral, nos moldes tradicionais de agricultura, não tendo exigido dos Wari' modificações em seu sistema agrícola;
- a mandioca possibilita, através de sua comercialização, a articulação com o mercado regional; e
- comparativamente aos cereais, o cultivo da mandioca apresenta uma série de vantagens (von Oppen, 1991):
 - possui maior produtividade;
 - não exige a separação de sementes comestíveis, para o plantio posterior;
 - é estocável no próprio solo, o que reduz (embora não impeça de todo) as perdas durante a entressafra, pela ação de roedores, insetos e microorganismos;
 - não concentra o trabalho de colheita em uma única época do ano;
 - é pouco exigente em termos de solo, e assim pode ela ser plantada com menos restrições; e
 - é menos vulnerável a secas e outras intempéries, que podem danificar folhas e galhos, mas mantém intactos seus tubérculos.

Vale assinalar que, no caso wari', ao ser praticada em áreas de terra firme, a agricultura – e especificamente o cultivo da mandioca – não se encontra submetida ao que é apontado como importantes ameaças à segurança alimentar das populações ribeirinhas da região (Adams, Murrieta & Dufour, 2005; Murrieta & Dufour, 2004). No que se refere à produtividade do tubérculo, mesmo em solos ácidos, Carneiro (1983, 1995) diz que as roças Kuikuru, no Alto Xingu, produzem de cinco a seis toneladas por acre, sem que isso exija cuidados intensivos.

O abandono do milho como principal produto agrícola parece resultar, portanto, de uma combinação de fatores que envolvem pelo menos três dimensões: a primeira, de ordem cultural, que nos remete tanto ao conceito de perspectivismo ameríndio como à influência da conversão ao protestantismo na sociabilidade wari'; a segunda, que poderia ser descrita como pertencente a uma ordem ecológico-cultural, ligada ao reconhecimento dos locais adequados ao plantio de ambos os cultivos e, em última instância, aos padrões tradicionais de assentamento; e finalmente a econômica, que inclui tanto a possibilidade de comercialização da farinha de mandioca como algumas vantagens em comparação com o cultivo do cereal. Na medida em que esse processo – que vem ocorrendo gradualmente, ressalte-se – se reflete de modo importante nos padrões de consumo de alimentos, acredita-se que as modificações alimentares decorrentes da 'transição' do milho para a mandioca, de certo modo, modulam e mesmo definem as possibilidades de mudanças nas estratégias de produção de alimentos. Mas voltarei a este aspecto ao final do livro.

Antes mesmo de tentar caracterizar os eventuais impactos advindos da substituição do milho pela mandioca como principal cultivo – o que será feito nas seções seguintes –, vale a pena tentar compreender o que essa mudança significa. O que os dados registram é uma importante mudança nas estratégias de subsistência, em que a produção agrícola, anteriormente orientada para o consumo próprio, passa a atender não apenas à demanda doméstica por alimentos, mas também à de produtos comercializáveis no mercado regional. Ou seja: as decisões que envolvem as práticas de agricultura, o que inclui aspectos como a localização das roças e a escolha das espécies a serem plantadas, passam agora pela lógica de mercado. Por um lado, esta pode ser vista como uma mudança radical na economia wari', embora de natureza não exatamente recente (se a mandioca constitui hoje uma importante fonte de renda para os Wari', esse lugar já foi ocupado por outros produtos, como a borracha). Por outro lado, ainda que essa nova lógica possa influenciar de modo significativo as práticas econômicas nativas (Ruiz-Pérez et al., 2004), há que se considerar que, assim como Fisher (2000:195) refere-se aos Kayapó, a ecologia wari' não deve ser vista como "mera adaptação a um ambiente natural, mas também a um ambiente social" (tradução minha). Isto é, os Wari', como outros povos indígenas, não podem ser vistos como meros sujeitos a forças externas e inexoráveis de mudanças (Viveiros de Castro, 2002), mas como agentes que lidam com os novos elementos de formas culturalmente específicas, por meio de "processos intestinos e mecanismos de tomada de decisão" (Fausto, 2001: 173).

Fontes de renda: comércio, benefícios sociais e trabalho remunerado

No que se refere ao acesso a recursos financeiros, para os Wari' existem poucas alternativas. A primeira, de caráter essencialmente universal, diz respeito à comercialização de produtos da agricultura ou de extrativismo, e eventualmente da caça e da pesca. O artesanato também é uma alternativa, e acontece com a mediação da Funai. A venda desses itens acontece essencialmente em Guajará-Mirim, mas em alguns casos os compradores são os próprios Wari'. A segunda alternativa é o recebimento de benefícios sociais, como a aposentadoria e o salário-maternidade. Os Wari' apresentam, no entanto, um contingente muito reduzido de idosos, o que reflete a experiência de intensa mortalidade na época do contato e, ainda, o atual perfil de morbimortalidade, que atinge de modo importante os mais velhos. Em Santo André, eram apenas seis os aposentados. Outra alternativa, esta menos acessível, é o envolvimento em atividades remuneradas. São basicamente duas as possibilidades: o trabalho como Agente Indígena de Saúde (AIS) ou como professor. Eram raros os casos de indivíduos que trabalhavam fora da aldeia.

No que se refere à comercialização de seus produtos, os Wari' têm na agricultura a sua principal fonte de renda. E, embora cultivos como o feijão alcancem preços mais altos no mercado, é a farinha de mandioca o principal item negociado. Este é, sem dúvida, o meio mais regular de se obterem recursos financeiros. Na medida em que a mandioca pode ser colhida durante todo o ciclo anual, a produção de farinha pode acontecer de modo igualmente regular, a depender contudo de aspectos como o tamanho e a produtividade das roças e ainda da própria demanda wari' por produtos comercializáveis, dentre outros. Assim, não era incomum vê-los mais mobilizados para a produção de farinha quando precisavam de dinheiro, ou mesmo quando havia perspectiva de transporte até Guajará-Mirim – este, um fator importante, já que a viagem envolve gastos significativos com combustível, a depender do tipo de embarcação e motor utilizados.

Além da venda da farinha, a castanha-do-pará vem a constituir um item importante na economia do grupo, sendo vendida, em Guajará-Mirim, a comerciantes bolivianos ou brasileiros. No entanto, diferentemente da farinha, ela apresenta uma importante limitação, isto é, a sazonalidade de sua produção. A castanheira frutifica entre os meses de dezembro e março.

Um produto extrativista que vem alcançando uma importância crescente na economia do grupo é a madeira, sob a forma de estacas de cerca de dois metros, utilizada para a construção de cercas em fazendas. Não se trata, portanto, de um material valorizado, o que significa que a sua extração não desperta o interesse de não-índios, e está limitada aos Wari'. Mesmo não se tratando de madeira de lei, a atividade é mais rentável que a venda da farinha, e, segundo eles, não faltavam compradores em Guajará-Mirim. Quando cheguei a Santo André, em outubro de 2002, havia poucos homens envolvidos na atividade. A partir de então, um número cada vez maior de indivíduos começou a participar dela, por vezes indo trabalhar por uma, duas ou três semanas na aldeia de Bom Futuro, onde as reservas do recurso ainda se encontravam mais preservadas.

É interessante registrar que, nos primeiros meses de minha estada, eventualmente presenciava alguns indivíduos alugando seus animais de carga (burros e cavalos) ou pequenas carroças a outros Wari' para o transporte de farinha ou de outros produtos, e recebendo como pagamento farinha de mandioca. Um ano depois, isto é, em novembro de 2003, já não havia quem aceitasse farinha como pagamento pelo aluguel. A moeda corrente agora eram as estacas, independentemente do uso dos animais ou das carroças. Havia já uma demanda significativamente aumentada de carroças para fazer o transporte da madeira. Nesses casos, os proprietários recebiam o pagamento sob a forma de um percentual das estacas retiradas. O crescente envolvimento com uma determinada atividade econômica e, além disso, a modificação nos termos em que se dão as transações ainda no ambiente da aldeia podem ser vistos, por um lado, como uma indicação

da demanda wari' por atividades que lhes possibilitem o acesso à renda (demanda essa que constitui um aspecto fundamental para as discussões sobre desenvolvimento e sustentabilidade alimentar em áreas indígenas). Por outro lado, revelam o caráter dinâmico das atividades econômicas do grupo, em permanente avaliação pelos Wari', que desse modo reafirmam seu papel ativo nos processos que os cercam.

Dentre os demais produtos de coleta, apenas o mel era comercializado, até onde pude saber. Ainda assim, os preços pagos em Guajará-Mirim eram inferiores àqueles praticados no comércio local. Em lugar de ter um valor agregado devido a sua origem indígena, o produto wari' alcançava preços comparativamente mais baixos que os de seus similares disponíveis nos mercados.

Em Santo André existiam, na época do trabalho de campo, cinco agentes de saúde e cinco professores wari', o equivalente a oito por cento da população adulta da aldeia. Havia ainda um rapaz que trabalhava em Guajará-Mirim, em um mercado, mas não sei precisar a frequência com que isso ocorria em outras aldeias.

O trabalho remunerado parecia estar associado, em alguns casos – mas não em todos –, a uma dedicação menor às atividades ditas tradicionais de subsistência, como a caça, a pesca, a coleta e, especialmente, a agricultura. Existe, por certo, algum grau de incompatibilidade entre essas atividades e as funções remuneradas, como as de AIS e professor. Refiro-me especificamente à dimensão temporal. Em Santo André, as distâncias a serem percorridas para a realização dessas atividades são consideráveis, o que teoricamente dificulta a sua compatibilização com a presença diária no posto indígena, a atuação na escola ou na farmácia. Além disso, em algumas ocasiões as atividades de subsistência mencionadas exigem uma dedicação 'intensiva' de tempo, como é o caso da abertura de roças e ainda o das expedições destinadas à coleta de castanhas. Obviamente, as coisas não se passam de modo tão 'preciso', havendo ainda nuances interessantes no contexto local. Parecia haver, antes de qualquer limitação temporal, uma preponderância das decisões individuais relativas ao maior ou menor envolvimento com cada atividade. Assim, cheguei a visitar roças pertencentes a indivíduos que recebiam algum tipo de remuneração e que tinham sido apenas parcialmente semeadas, a princípio por falta de tempo; existia mesmo quem não tivesse aberto roças, por esse mesmo motivo. Também havia quem trabalhasse exercendo uma função remunerada, e ainda assim se mostrasse impressionantemente motivado para a realização de caçadas e do trabalho nas roças.¹⁵

O acesso a uma função remunerada 'possibilitava' um menor envolvimento com outras atividades produtivas, especialmente porque permitia que os alimentos fossem obtidos de outro modo. No entanto, não 'determinava' que isso acontecesse. Embora aparentemente óbvia, essa ressalva parece particularmente relevante, no âmbito dos estudos que descrevem o impacto das mudanças socioeconômicas sobre

os padrões de atividade física e de morbimortalidade entre sociedades indígenas. São muitas as evidências que apontam nessa direção (Wirsing, 1985), mas não se pode perder de vista o papel central – e ativo – dos sujeitos na definição de suas trajetórias.

Outras implicações estavam associadas ao recebimento de salários ou benefícios, e não podem ser desconsideradas. O acesso à munição e mesmo a armas de fogo, por exemplo (refiro-me a espingardas ou carabinas, de uso na caça), e a anzóis e ao náilon, itens particularmente caros e rapidamente gastos, é facilitado àqueles que possuem fontes regulares de renda. Fica evidente, aqui, que a disponibilidade de recursos financeiros possibilita, de formas não apenas diretas, o acesso a alimentos. Isto é, ela não somente permite a compra de itens alimentares, mas pode também facilitar a sua obtenção por outros meios – o que não significa, no entanto, que isto irá acontecer; afinal, existe uma grande demanda por bens de consumo, e de modo geral o acesso aos recursos financeiros é bastante restrito. Além disso, a aquisição de alimentos não necessariamente se reflete positivamente nas condições de saúde e nutrição de populações indígenas. Na verdade, são freqüentes as implicações negativas do aumento do consumo de alimentos industrializados. Mas voltarei a este ponto no próximo capítulo. No momento desejo apenas frisar que do acesso individual ou domiciliar a recursos financeiros até a melhora das condições nutricionais, existe um longo e tortuoso caminho, no qual são poucas as garantias – se é que elas existem – de que isso ocorrerá.

A articulação com o mercado regional

Em Santo André, chamam a atenção a interação da população com o mercado regional e ainda as bases em que esta se dá. Com raras exceções, seus integrantes não atuam como mão-de-obra em Guajará-Mirim ou em centros urbanos próximos, ou mesmo nas propriedades rurais da região. Isso não significa que a força de trabalho wari' não seja indiretamente explorada – o que acaba por acontecer na medida em que ela é empregada na produção de itens consumidos pela população regional.

A inserção do grupo no mercado regional acontece, portanto, de duas formas: como produtores, basicamente de itens como farinha de mandioca, castanha-do-pará e madeira para cercas, e como consumidores de alimentos e produtos manufaturados. O artesanato constitui uma fonte secundária de renda, sendo vendido com a intermediação da Funai. Em outras áreas wari' a venda de pescado assume um papel significativo, mas tal fato não ocorre em Santo André. A questão central é que, seja como produtores, seja como consumidores, as relações entre índios e não-índios acontece de modo geral em bases desiguais, sendo os Wari' amplamente desfavorecidos nas transações comerciais. Como produtores,

competem entre si pela comercialização de um ou dois produtos que alcançam preços baixos no mercado, e que não possuem nenhum valor agregado em função de sua origem indígena. O mesmo ocorre, diga-se, com todos os itens comercializados pelos Wari'. A produção é também vendida a atacadistas, procedimento que reduz ainda mais os ganhos com a produção. Como consumidores, apresentam uma dependência considerável do mercado para a sua alimentação, o que fica patente nos padrões de consumo alimentar, apresentados no capítulo 4. Submetem-se, além disso, aos sistemas de crédito irregulares propostos pelos comerciantes.

A economia wari' encontra-se, portanto, centrada na produção comercial de farinha de mandioca, que hoje ocupa o lugar antes reservado ao milho como cultivo principal e base da sua alimentação. Os desdobramentos dessa mudança envolvem aspectos que vão de modificações nos padrões de alocação de tempo à diversidade alimentar e ao conteúdo nutricional da dieta, dentre outros. Tais desdobramentos podem ser vistos como elementos que integram um fenômeno descrito na literatura como 'deslocalização' (no original, *delocalization*; tradução minha) de seu sistema alimentar, conforme o conceito proposto por Pelto & Pelto (2000). Trata-se, em última instância, de uma crescente circulação, entre grupos humanos distintos, de elementos relacionados à produção e ao consumo de alimentos.

É importante assinalar que esse fenômeno não se traduz obrigatoriamente em uma melhora ou, no extremo oposto, em uma deterioração das condições alimentares das populações envolvidas. Em termos mais amplos, não é consenso na literatura que o envolvimento com as economias de mercado regionais sempre afete negativamente as populações nativas. Em lugar disso, parece que a exposição aos mercados produz efeitos mistos no bem-estar e na conservação do meio ambiente em que essas populações se inserem. Segundo Godoy et al. (2005), o registro de efeitos pouco claros resulta de problemas metodológicos nas pesquisas, com o uso de pequenas amostras, a predominância de estudos seccionais ou pequenos painéis; e da falta de concordância na medição de variáveis-chave, como integração ao mercado ou etnoconhecimento e indicadores subjetivos ou objetivos de saúde. Mas, antes de tudo, podem coexistir em um mesmo contexto aspectos positivos e negativos, não sendo possibilidades mutuamente excludentes. Mais que isso, segmentos distintos de uma mesma população podem experimentar diferentemente as conseqüências do processo (Lourenço, 2006).

Parece fácil concluir, com base nessa descrição, que essa circulação envolve fatores de ordem econômica e que, portanto, a 'resultante' dependerá, dentre outros aspectos, dos termos em que a articulação entre os diversos grupos se dará. No caso wari', não surpreendentemente, esses termos parecem invariavelmente favorecer os regionais, em detrimento da população indígena. Alguns exemplos envolvendo a comercialização da produção de farinha e a compra de gêneros, alimentícios ou não,

pelos Wari' serão apresentados nos capítulos que se seguem. De todo modo, cito aqui um caso específico, que parece exemplar da situação indígena.

Havia um comércio importante de produtos levados de Guajará-Mirim para Santo André por alguns de seus habitantes, que acabavam por atuar, então, como intermediários dos comerciantes locais. Normalmente são indivíduos que já exercem funções remuneradas e que possuem maior familiaridade com a língua portuguesa e com as transações comerciais com os brancos. Os produtos levados eram os mais variados: velas, sandálias, sabonetes, xampus, sabão em pó, farinha de trigo, fermento químico, açúcar, chicletes, refrescos e refrigerantes... Os preços pagos na aldeia eram um pouco mais elevados que aqueles praticados em Guajará-Mirim; dependendo da magnitude da diferença, isso por vezes provocava comentários insatisfeitos por parte dos demais. Em mais de uma ocasião, ouvi-os referindo-se a um determinado indivíduo que cobrava preços excessivamente elevados, reclamando que ele "não tinha pena do Wari'".

Os Wari' diziam-me que a transação acontecia de duas formas: ou as mercadorias eram de fato vendidas ao intermediário nativo, que então as comercializava na aldeia – o que, portanto, exigia uma disponibilidade maior de recursos financeiros, possibilitada pelo recebimento de salários –, ou negociadas por meio de consignação, quando o comerciante já tinha uma relação de maior confiança no intermediário. Um exemplo demonstra a vulnerabilidade wari' nessas relações: em certa ocasião, anterior à minha estada em Santo André, uma canoa que levava mercadorias obtidas em consignação para a aldeia alagou, causando a perda dos produtos e, em razão disso, um prejuízo de cerca de R\$ 600 (na época, o equivalente a cerca de US\$ 250), valor consideravelmente alto para os padrões regionais. O prejuízo foi totalmente arcado pelo intermediário, que na época do trabalho de campo ainda pagava ao comerciante, em prestações, o valor referente aos produtos.¹⁶ Apesar disso, ele se preparava para recomeçar o comércio com seus companheiros, assim que saldasse suas dívidas.

No que se refere especificamente à produção de alimentos, o quadro registrado em Santo André corresponde exemplarmente às descrições feitas por Dewey (1989), referindo-se aos impactos da comercialização de alimentos, em lugar de seu consumo doméstico. O processo, descrito como a 'mercantilização' dos sistemas alimentares, apresenta implicações potencialmente negativas para a população. Um exemplo de fácil compreensão diz respeito à aplicação do dinheiro obtido com a produção e venda de alimentos, que precisa contemplar outros itens que não apenas os alimentares. Em outras palavras, se antes a produção agrícola era exclusivamente destinada ao consumo pelos próprios Wari', ela agora responde não apenas pela produção de alimentos, mas também por excedentes comercializáveis que irão subsidiar o atendimento das novas demandas da comunidade.

Assim, a compra de alimentos no mercado regional não é o único destino da renda obtida: pilhas e baterias, munição, anzóis, combustível, vestimentas, sabão e brinquedos integram uma extensa lista de produtos hoje consumidos pelos Wari'. Trata-se de um balanço delicado, nem sempre favorável ao consumo alimentar. O modo como esse (des)equilíbrio se dará está associado a um grande número de fatores intervenientes, e muitas vezes situados em níveis de determinação outros que não o estritamente local. Exemplos são as políticas de preços (que afetam não somente os valores recebidos pela produção agrícola, mas também aqueles pagos pelos produtores por alimentos industrializados e outros itens nos mercados locais) e quaisquer outros mecanismos que façam variar a demanda pela produção indígena. É importante contrastar esse tipo de determinante com os exemplos da interação direta entre os Wari' e a população não-indígena local (ou, mais especificamente, das relações comerciais), de modo a evidenciar a importância conjunta de diversos níveis de determinação das dificuldades enfrentadas pelos Wari'. Embora o nível local possa ser mais evidente e impactante à observação, há causas estruturais que não podem ser desconsideradas.

É interessante assinalar, ainda, que no caso wari' algumas das possíveis implicações negativas da mercantilização da agricultura foram de certo modo atenuadas por fatores locais; é o caso, por exemplo, da maior dependência para a obtenção de implementos agrícolas, comum quando a produção agrícola exige fertilizantes, pesticidas ou maquinário. Em Santo André, a produção e o processamento da mandioca acontecem em bases estritamente artesanais. Desse modo, a autonomia dos produtores indígenas não fica comprometida, ao menos nesse aspecto. Além disso, embora constitua a principal fonte de renda da comunidade, a farinha é largamente consumida, o que reduz consideravelmente o impacto da produção com fins comerciais.

Situação oposta tem lugar nos casos que envolvem outros produtos, como o café, que competem com a produção de alimentos tanto pelas terras agricultáveis como pela mão-de-obra. Um caso exemplar é o dos Suruí, também no estado de Rondônia, que na década de 80 conseguiram recuperar parte de suas terras originais, então ocupadas por plantações de café. Vislumbrando a possibilidade de comercializar a produção, os Suruí dedicaram-se aos cuidados com as plantações, deixando de lado outras atividades de produção de alimentos. O resultado foi amplamente desfavorável, com um severo comprometimento das condições de nutrição da população (Coimbra Jr., 1989).

Desse modo, a articulação wari' com o mercado regional parece colocar essa população indígena, assim como provavelmente outras do país, em uma situação bastante desfavorável, cujas implicações não se limitam aos aspectos econômicos. A mercantilização da produção de alimentos em Santo André não está restrita às relações com não-índios ou mesmo aos produtos agrícolas, mas estende-se

ao ambiente da aldeia e a outras formas de obtenção de alimentos. Isso é visível, por exemplo, na monetarização de relações antes caracterizadas pela reciprocidade, como a distribuição de produtos da caça e da pesca. O modo como isso ocorre é descrito a seguir.

A venda de produtos de caça ou pesca

A partilha da caça é, entre os Wari', obrigatória e constitui um aspecto fundamental à sua sociabilidade; a violação das normas que a orientam é alvo certo das críticas coletivas. Conklin (1989) chega a afirmar que a quebra das expectativas nesse sentido é o passo mais certo para as críticas e para o ostracismo social.

A chegada de caça à aldeia é muitas vezes precedida pela notícia do sucesso do(s) caçador(es), trazida por aqueles que tiveram algum contato com ele. Os animais de maior porte (porcos, antas, veados) chegam geralmente inteiros à aldeia. O corte dos animais maiores, vedado às mulheres, irá acontecer diante da residência do caçador, sob os olhares de uma grande e atenta platéia. As mulheres e as crianças geralmente constituem a maior parte desse público, e a elas serão entregues as porções de carne destinadas a suas famílias. A elas são também entregues as vísceras dos animais abatidos, partes bastante valorizadas. A ausência no momento da partilha, contudo, não impede que recebam a parte que lhes cabe: o caçador a envia a seus domicílios, com frequência pelas crianças. Pode observá-los fazendo isso um sem-número de vezes. As regras de distribuição são detalhadas por Conklin (1989). Caças pequenas e aves geralmente são reservadas aos parentes mais próximos, sendo muitas vezes dadas já preparadas aos parentes.

Eram freqüentes os comentários sobre indivíduos e/ou famílias que não partilhavam corretamente a caça que obtinham, favorecendo seus parentes mais próximos ou recebendo mal as mulheres que vinham buscar carne. Era, sem dúvida, uma questão tensa. Em Santo André, contudo, eram freqüentes as ocasiões em que ao menos parte da carne era vendida, em lugar de ser distribuída segundo as regras tradicionais. Em primeiro lugar, vale assinalar que nem todos o faziam; havia grupos familiares mais propensos a comercializar seus produtos de caça, enquanto outros se recusavam a fazê-lo. Além do mais, isso parecia ocorrer principalmente nos casos em que maiores quantidades de caça eram obtidas, isto é, quando porcos ou antas eram abatidos. Finalmente, a venda da carne parecia ser dirigida aos indivíduos considerados menos próximos, embora em Santo André quase todos sejam ligados por algum laço de parentesco. Ainda assim, ela caracterizava uma ruptura com as práticas tradicionais de partilha e reciprocidade.

Durante minha permanência em Santo André, tive a oportunidade de presenciar a venda da carne de duas antas (*Tapyrus terrestris*) e, por diversas vezes, de porcos selvagens e peixes (mais especificamente, de jatuarana –

Characidae), entre os próprios Wari'. Em uma ocasião, uma família que havia ido coletar castanha trouxe a carne de duas queixadas (*Tayassu pecari*), salgada, para vendê-la na adeia. Na época, ouvi um comentário acerca dessa família que particularmente chamou a minha atenção, na medida em que assinalava a absoluta quebra de critérios por parte do chefe da família; disseram-me, então, que ele vendia a carne até mesmo para seus parentes: "*Tamanai na wari'!*" ("O wari' é doido!") Em outra ocasião, parte da carne de uma anta foi vendida em Guajará-Mirim a não-índios. Em uma terceira, um integrante de uma equipe de saúde que passava pela aldeia também comprou alguma carne de paca.

É interessante observar que mesmo quando as transações ocorriam entre os Wari', sem o envolvimento direto de dinheiro, as negociações de fato assemelhavam-se mais ao comércio que às trocas: a carne era pesada em balanças, e estimava-se cuidadosamente o peso dos ossos eventualmente presentes; a carne tinha seu preço 'tabelado' em reais, e quando se recebia farinha de mandioca em pagamento, por exemplo, a farinha era igualmente pesada, seguindo-se uma cotação baseada nos preços praticados em Guajará-Mirim. No caso das antas, em que um número grande de transações foi feito, as compras que não eram pagas no mesmo momento eram cuidadosamente anotadas em papel, para serem posteriormente saldadas.

Não se trata, no entanto, de uma mudança 'tranquila' para os Wari'. Aqueles que comercializavam a caça eram alvos de comentários que revelavam desagrado, embora isso não impedisse que os autores das críticas participassem das transações. E embora a negociação dos produtos da caça acontecesse com certa frequência, isso de fato parecia trazer algum desconforto a muitas pessoas. Certa vez eu conversava com um homem adulto, que me contava que já havia vendido caça no passado, em uma ocasião em que havia abatido oito macacos-prego. Ele me dizia, no entanto, que assim havia quem não pudesse ter acesso à carne, e que por isso não o fazia mais – o que era verdade: "Se o wari' não tem dinheiro, fica triste. Por isso que eu não quero mais vender *karawa* (caça, animais) para *oro wari'* (para todos os Wari')."

A quebra da reciprocidade era percebida também como um aspecto importante da mudança das práticas de partilha. Ele prossegue: "Essa é a palavra do wari', mesmo. Se o wari' tem *pije* (criança) que tá com fome, e o irmão dele mata *karawa* (caça, animais) para vender, e não dá pra ele, então ele diz assim: 'Eu vou pagar ('descontar', retribuir o mau-trato) depois.' Depois, quando ele sai para caçar e mata *karawa*, não dá para o irmão. Aí, desconta." Durante esta mesma conversa, outro homem, mostrando-se claramente descontente com o comportamento de seus companheiros, perguntou-me se o branco (*wijam*) também vendia *karawa* para seus parentes.

No que se refere especificamente à quebra da reciprocidade, a relação não é necessariamente direta: tive a oportunidade de conversar por várias vezes com um dos caçadores mais bem-sucedidos da aldeia, o qual não vi, em nenhuma ocasião, comercializar carne. Certa vez, atendendo a uma solicitação minha, ele – de forma tranqüila, e sem demonstrar ressentimento – me apontou um homem wari' que costumava vender caça e citou uma ocasião específica, da qual eu me recordava, em que ele e sua filha não haviam recebido nenhuma porção de carne, enquanto que boa parte do animal abatido foi vendida em Guajará-Mirim. Eu disse então que nunca o havia visto vender carne, e ele comentou, sucintamente: “Tem que dar karawa.” Continuou, afirmando que, quando caçava, até mesmo o homem que mencionava vinha pedir-lhe carne, e que, então, “Tem que dar pra ele”. Assinalo que falava tranqüilamente, embora julgasse errada a atitude de seu companheiro.

Em outra ocasião, encontrava-me em uma residência wari' quando um homem adulto, parente da esposa do casal que me recebia, veio fazer uma visita aos dois. O visitante era irmão do pai da mulher (que entre os Wari' é tratado pelo mesmo termo que o pai, *te*); pouco tempo após sua chegada, queixou-se de não haver recebido deles, no dia anterior, nenhuma porção de carne de *mijak* (queixada, *Tayassu pecari*). O marido do casal havia abatido dois animais no dia anterior, mas vendido a maior parte dela. Sua fala, embora em tom tranqüilo, causou um grande impacto na família: todos na casa mostraram-se absolutamente constrangidos e tentavam explicar a ele que não tinham mais carne. Logo depois a visita foi embora, sem que houvesse recebido nenhuma porção da caça. Pouco tempo após sua partida, visivelmente preocupada, a mulher enviou-lhe um pedaço de carne já cozida; mais tarde, depois do almoço, serviu-lhe um prato de comida com arroz, feijão, carne de porco cozida e caldo da carne, e mandou que uma de suas filhas o levasse para o avô. Embora isso não fosse incomum entre pais e filhos, naquele contexto parecia evidente a função apaziguadora da comida enviada.

Em termos estritamente nutricionais,¹⁷ há pelo menos duas implicações imediatas dessa mudança de comportamento, isto é, da venda dos produtos da caça e da pesca. Uma diz respeito à menor proporção da carne obtida que acaba sendo consumida pelos Wari', já que parte dela pode ser vendida para não-índios, caso haja demanda e possibilidade de transporte até Guajará-Mirim. A outra diz respeito a uma possível limitação, em alguma medida, do acesso de parte da população à carne obtida pela caça em outros domicílios. Se anteriormente os laços de parentesco e a reciprocidade eram os critérios para a distribuição, hoje dividem seu espaço com a possibilidade de retribuição praticamente imediata, sob a forma de dinheiro ou de outros produtos.

Concluindo, as atividades de subsistência wari' apresentam, hoje, profundas modificações, cujos desdobramentos transcendem a esfera econômica.

O grupo ainda tem, na agricultura, a sua principal atividade econômica e uma importante fonte de alimentos.¹⁸ Por um lado, o cultivo da mandioca parece representar um fator de proteção para as implicações negativas usualmente associadas à mercantilização da produção de alimentos. Por outro lado, a articulação wari' com a economia de mercado coloca-os em uma posição francamente desfavorável, o que reflete não somente as dinâmicas locais, mas também aquelas presentes em níveis mais amplos de análise.

Notas

- ⁸ Para uma reflexão aprofundada acerca da conversão wari' ao protestantismo, ver os trabalhos de Vilaça (1996b, 1998).
- ⁹ A bebida era consumida, durante as festas, em quantidades impressionantes, que exigiam a participação de todas as famílias em sua elaboração, e durante dias seguidos.
- ¹⁰ É importante assinalar que, na análise de Vilaça (1998), a conversão vem apresentar aos Wari' aquilo que eles consideram ideal, isto é, a possibilidade de viverem em um mundo sem afins.
- ¹¹ Esse exemplo é novamente mencionado e contextualizado no capítulo 3, quando se descrevem as formas de utilização da bebida de milho.
- ¹² O acesso às áreas de cultivo da região do igarapé Dois Irmãos ficou mais fácil e rápido nos últimos anos, com o alargamento das trilhas que levavam a elas, possibilitando o uso de bicicletas e carroças.
- ¹³ Assinale-se que o plantio de outros cultivos 'tradicionais', como a batata-doce, o cará ou a macaxeira, não se restringe, hoje, aos terrenos de terra preta, que caracterizavam as antigas roças wari'. Apenas o milho segue apresentando tal exigência.
- ¹⁴ Quando a mandioca é posta a amolecer por cerca de três dias sob a água, antes de ser descascada, prensada, peneirada e torrada.
- ¹⁵ Em um caso específico, uma solução diferente foi encontrada: um dos agentes de saúde, que permanecia ao longo da semana em Guajará-Mirim fazendo um curso técnico de enfermagem, pagou, em dinheiro, para que outros homens abrissem uma roça para sua família; a partir de então, sua esposa passou a cuidar da roça.
- ¹⁶ Vale assinalar que quando os Wari' pagam suas compras em prestações, invariavelmente são acrescidos juros abusivos pelos comerciantes locais.
- ¹⁷ As implicações da venda desses produtos, em lugar de sua distribuição segundo os critérios prescritivos, não se limitam a esse aspecto. Estão em jogo obrigações entre parentes, interesses e lealdades.
- ¹⁸ Deve-se considerar, no entanto, que a agricultura hoje praticada pelos Wari' apresenta muitas características e elementos distintos daquela praticada previamente ao contato.